



Ao lado da foto feita em 1972 por Nick Ut, Kim observa outra sua, atual, com um de seus filhos

Embaixadora da paz

Menina queimada no Vietnã agora serve à Unesco

FERNANDO ASCHEMBERG
Especial para o JB

PARIS - Em meio às celebrações que transitarão esta semana pela sede da Unesco, em Paris, durante as comemorações do cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, Phan Thi Kim Phuc passava quase despercebida. O assédio de fotógrafos e cinegrafistas era dirigido preferencialmente aos anfitriões Jacques Chirac e Lionel Jospin, ou a convidados ilustres como Kofi Annan e o Dalai Lama. Uma foto de Kim Phuc, no entanto, já obteve repercussão muito maior do que a de qualquer retrato de um dos citados. Kim Phuc sabe que sua imagem foi eternizada para o mundo quando tinha 9 anos: ela é a menina que, no dia 8 de junho de 1972, corria nua e de braços abertos por uma

estrada do Vietnã, a pele queimada pelas bombas de napalm caídas do céu sobre a cidade de Trang Bang, despejadas por bombardeiros americanos. O instantâneo da expressão da dor e do horror da guerra foi congelado pela lente do fotógrafo Nick Ut e reproduzido no mundo inteiro.

Hoje, aos 35 anos, Kim Phuc só quer esquecer aquele momento. Mas não consegue. "Cada vez que vejo aquela foto sinto dor, medo, tudo. É terrível", disse ela ao **JORNAL DO BRASIL**. Kim classifica os discursos em defesa dos Direitos Humanos, que acabara de ouvir, como "uma promessa para o futuro", mas a intimidade da guerra - destacou - ela conhece mais do que ninguém. "Eu vivi tudo isso que está em discussão aqui, é diferente", acrescentou.

Operações - Kim permaneceu 14 meses num hospital em Saigon e já sofreu 17 operações por causa das queimaduras. Até hoje, padece de dores de cabeça e tem o sono atormentado por

causa dos ferimentos. Ela faz questão de observar que não é apenas uma vítima da guerra, símbolo vivo da barbárie. É fundadora da Kim Foundation, entidade de auxílio a crianças que passaram por martírios semelhantes. É mãe de dois filhos, com os quais vive, ao lado do marido, numa casa em Toronto, no Canadá. E, desde a última segunda-feira, é embaixadora de boa-vontade da Unesco pela paz, cargo que a fará viajar pelo planeta para contar sua história e lutar pelos direitos humanos.

A célebre foto mudou sua vida. "Mas, embora seja estranho dizer assim, sou orgulhosa dessa dor. Me sinto gratificada por poder fazer as pessoas entenderem o que é a guerra, e transmitir uma mensagem de paz", declarou. Quando é confrontada com imagens de crianças atingidas por guerras contemporâneas, ela fica muito abalada. "Isso me atinge profundamente. Não quero mais ver esse tipo de coisas", disse, chorando.